

## PODER

# Lula visita FHC perto dos 30 anos do Real

Dia foi para celebrar antigas amizades. Encontrou o ex-presidente, que fez 93 anos, além dos escritores Noam Chomsky, Raduan Nassar e o jornalista Mino Carta

» INGRID SOARES  
» FABIO GRECCHI

A poucos dias de o Plano Real completar 30 anos, em 1º de julho, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva visitou, ontem, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso — que estava à frente do Ministério da Fazenda quando foi lançado o programa que estabilizou a economia brasileira, depois de décadas de hiperinflação e tentativas fracassadas de controlá-la. O encontro entre eles também foi por conta do aniversário de FHC, que completou 93 anos em 18 de junho.

Apesar de terem sido adversários nas eleições de 1994 e 1998 — em ambas o petista foi derrotado —, Lula e o ex-presidente têm um longo relacionamento, que passou por momentos importantes da história do país. Como a campanha das Diretas Já, em 1983, e, antes, pela anistia política. A Lei 6.683, sancionada pelo então presidente João Batista Figueiredo,

em 28 de agosto de 1979, permitiu que os exilados no exterior retomassem ao Brasil e que presos políticos fossem liberados dos cárceres da ditadura militar.

A aproximação entre Lula e FHC se consolidou em 1978, quando o líder dos metalúrgicos do ABC paulista fez campanha para o sociólogo, cientista político e professor universitário, que concorria a uma vaga no Senado pelo MDB. Os dois, porém, se conheceram na década de 1970 e, segundo garantem interlocutores de ambos, mais do que as divergências políticas, se admiram mutuamente.

Também em 1978, o atual presidente estava à frente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Paulo, e comandou uma série de greves nas quais se reivindicava das montadoras de veículos e fabricantes de peças da região melhores condições de trabalho e salários condizentes. O movimento contava com o apoio de intelectuais e acadêmicos — entre eles FHC.



**Visitei em São Paulo quatro pessoas pelas quais tenho grande carinho: o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o linguista Noam Chomsky, o jornalista Mino Carta e o escritor Raduan Nassar. Na sexta-feira passada, já havia visitado, no Maranhão, o ex-presidente José Sarney"**

**Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em publicação no X**

## Apoio eleitoral

Mais recentemente, os dois voltaram a ficar no mesmo lado do espectro político nas eleições de 2022. O ex-presidente manifestou apoio a Lula contra a reeleição de Jair Bolsonaro. No X (antigo Twitter), FHC registrou: "Neste segundo turno, voto por uma história de luta pela democracia e inclusão social. Voto Luiz Inácio Lula da Silva".

O presidente tirou o dia para visitar velhos amigos, além de FHC. Esteve com o escritor Raduan Nassar e com o linguista e filósofo norte-americano Noam Chomsky. Os dois o visitaram enquanto esteve preso na carceragem da Polícia Federal (PF), em Curitiba (PR). Chomsky se recupera de um acidente vascular cerebral, que deixou dificuldades na fala e afetou o lado direito do corpo. Lula também esteve com o jornalista e escritor Mino Carta.

Ricardo Stuckert/PR



FHC e Lula têm trajetórias próximas, que vêm desde a ditadura militar. Estiveram juntos em episódios históricos, como a Anistia e as Diretas Já

## Economistas lembram formação do plano

» ANDREA MALCHER

Depois que esteve com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso recebeu a equipe de economistas responsável pela elaboração do Plano Real. Ainda ministro da Fazenda do então presidente Itamar Franco, FHC encabeçou o time que arquitetou o programa econômico que tirou o país das hiperinflação e estabilizou a moeda brasileira.

O grupo era composto por André Lara Resende, Armínio Fraga, Edmar Bacha, Gustavo Franco, Pedro Malan e Pérsio Arida — que classificou o plano de "não repetível". Para ele, tudo deu certo graças à capacidade política e intelectual de FHC.

"É difícil imaginar um ministro da Fazenda que consiga, ao mesmo tempo, convencer o presidente da República, que tinha ideias muito diferentes e próprias — todas erradas, diga-se de passagem", lembrou Arida, em um debate na Fundação Fernando Henrique Cardoso.

Armínio Fraga, que esteve à frente do Banco Central (BC) entre março de 1999 e janeiro de 2003, destacou que o Plano Real

### Hiperinflação morta

O Plano Real encerrou um dos períodos mais instáveis da economia brasileira. O processo de estabilização começou em 1993, com Unidade Real de Valor (URV) como a transição para a moeda que ainda está em vigor no país. O objetivo era controlar a inflação, que à época passava de quatro dígitos. Antes do Real, vieram outros planos econômicos, todos fracassados: Cruzado, Bresser, Verão, Collor I e Collor II. E antes de a moeda ser batizada como real, houve o cruzado, o cruzado novo e o cruzeiro real como meios circulantes.

possibilitou que a dimensão social tomasse a frente dos planejamentos de Estado, uma vez que a nova moeda trouxe a estabilização monetária. "A âncora é o social e é o que me permite ter alguma esperança de que possam ser evitadas mudanças que possam vir aí no Banco Central. Senão, todos serão penalizados", alfinetou,

citando as pressões do presidente Luiz Inácio Lula da Silva sobre Roberto Campos Neto, que está à frente do BC, em relação à taxa básica de juros da economia (atualmente em 10,50%).

Gustavo Franco destacou que, quando surgiu o Real, o país acumulava 15 anos de inflação média de 16% ao mês. "Não é possível ter vida econômica inteligente nesse tipo de ambiente e foi assim que começamos a trabalhar. Acho que talvez o grande desafio era o diagnóstico da doença da moeda", pontuou. O economista antecedeu Fraga à frente do BC, entre agosto de 1997 e março de 1999.

Franco lembrou que, no último mês do plano anterior, o Collor 2, a inflação batia em 9.185% ao ano e caiu para 33% ainda no primeiro ano do Real. Com 30 meses de vigência, a nova moeda derrubou a carestia para 5% ao ano e, em 1998, baixou para 1,6%.

### Displícência

Rubens Ricúpero, que sucedeu FHC no Ministério da Fazenda, em 1994, criticou a displícência com que os políticos tratam a responsabilidade fiscal — "a

começar pelos mais altos escalões, não fazem uma ligação entre causa e efeito", frisou. "Para eles, inflação não tem nada a ver com gasto público. Para eles, é uma variável independente. Confesso que a tristeza maior que tenho é ver que, de tudo aquilo que não pegou, foi a responsabilidade fiscal. É o mais difícil. É difícil para os americanos, para os franceses, os alemães... É muito difícil, mas aqui se abandonou", lamentou.

Ricúpero frisou que o Real é "uma conquista" para o país e, segundo ele, se houve dúvidas a respeito, "basta olhar para a vizinha Argentina". "Estão onde estávamos 30 anos atrás. Uma diferença colossal", disse.

Para Ricúpero, FHC é o grande personagem do plano que estabilizou a economia brasileira. "O real, como toda grande obra, é coletivo e houve muitas contribuições. Mas algumas são mais duráveis e fundamentais do que outras. A dele, sem dúvida, foi a mais importante, tanto do ponto de vista qualitativo, quanto quantitativo. O povo brasileiro, de fato, se convenceu da malignidade da inflação. Já os políticos, não tenho tanta certeza", frisou.

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



## A caixa d'água do Brasil está pegando fogo

O governo foi pego de surpresa em relação às queimadas, mas não foi por falta de advertência das instituições responsáveis pelo monitoramento do clima nem da ministra do Meio Ambiente, Marina Silva. Depois das enchentes no Rio Grande Sul, que se enquadram na categoria dos eventos extremos, os incêndios no Pantanal e no Cerrado estão só começando — e já são avassaladores.

Ontem, no Palácio do Planalto, Marina se reuniu com o gabinete de crise formado também pelos ministros Simone Tebet (Planejamento e Orçamento) e Valdez Góes (Integração), além da secretária-executiva da Casa Civil Miriam Belchior, que substituiu o ministro Rui Costa, em férias. A situação é ainda mais crítica porque os servidores dos órgãos ambientais anunciaram, também ontem, uma greve por tempo indeterminado. Ou seja, o governo federal está com as mãos atadas.

Como no velho ditado que diz que alegria de palhaço é ver o circo pegar fogo, os servidores decidiram pela greve em 17 estados e no Distrito Federal. Estão vinculados ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), ao Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA) e ao Serviço Florestal Brasileiro. Mais de 1,3 mil funcionários públicos, em protesto, entregaram os cargos de chefia.

A greve começa hoje em nove estados: Acre, Espírito Santo, Goiás, Pará, Paraíba, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e Tocantins. Dois são da Amazônia (AC e PA) e dois no Cerrado (GO e TO). Distrito Federal, Bahia, Maranhão, Minas Gerais, Pernambuco, Paraná, Santa Catarina e São Paulo são onde pretendem iniciar a greve no primeiro dia de julho. Amapá, Alagoas, Amazonas, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Piauí, Rondônia, Roraima e Sergipe ainda não decidiram, mas devem aderir à paralisação. Até agora, os servidores do Ceará foram os únicos que rejeitaram suspender as atividades.

Os servidores já estavam com as atividades de fiscalização e licenciamento, e outras operações de campo, suspensas desde janeiro. Agora, a greve deve se estender aos serviços administrativos.

É muita irresponsabilidade, que já se reflete nos indicadores de queimadas. A paralisação no Ibama, por exemplo, derrubou 80% das operações de fiscalização de proteção da Amazônia, que depende de viagens de servidores. No restante do país, 60%.

No Pantanal, neste ano, já houve 3.263 focos de incêndio, 22 vezes mais do que no ano passado. São incêndios provocados pelo calor e pela seca, mas, também, por aqueles que se aproveitam da situação para desmatar, principalmente para fazer pasto.

No Cerrado, a situação é muito mais grave, porque já foram registrados 12.097 focos de incêndio, um crescimento de 32%, sendo 53% da área atingida na fronteira agrícola do bioma: Maranhão, Tocantins e Piauí, o que reforça a suspeita de incêndios criminosos.

### Cerrado sofre

A greve dos agentes ambientais, cujo papel na defesa dos biomas é fundamental, em meio às queimadas, chantageia um governo que mudou o tratamento dado à questão ambiental no Brasil, embora ainda aposte mais na exploração de petróleo e menos na aceleração da transição para a economia verde. O Ministério da Gestão apresentou aos servidores, na mesa de negociação, propostas de reajustes de 19% a 39%, que estão muito acima de qualquer aumento para os trabalhadores do setor privado. Fizeram ouvidos moucos. O combate às chamas está sendo feito por órgãos estaduais e municipais.

Os olhos estão voltados muito mais para as imagens impressionantes e a fumaça que se espalha no Pantanal, situação que é agravada pela seca do Rio Paraguai. Mas a expansão gradativa e contínua das áreas agrícolas no Cerrado, o novo celeiro do Brasil, é preocupante, porque consome muita água e, ao mesmo tempo, fragiliza as nascentes dos principais rios do país.

Por causa do Aquífero Guarani (grande reservatório subterrâneo), o Cerrado é a caixa d'água do Brasil e da América do Sul, e está em chamas. O bioma encontra-se em uma região central do território brasileiro.

As altitudes e o grande número de nascentes fazem com que haja um bom escoamento das águas para outras regiões, auxiliando na distribuição dos recursos hídricos. O Rio São Francisco, por exemplo, tem mais de 90% de suas nascentes situadas no Cerrado, embora quase 55% das suas águas encontrem-se fora desse bioma.

A bacia dos rios Paraná e Paraguai também tem suas origens no Cerrado, que envia águas até mesmo para a Bacia Amazônica. Nasceram no Cerrado os rios Xingu (Bacia Amazônica), Tocantins e Araguaia (Bacia do Tocantins-Araguaia), São Francisco (Bacia do São Francisco), Parnaíba (Bacia do Parnaíba), Gurupi (Bacia Atlântico Leste Ocidental), Jequitinhonha (Bacia do Atlântico Leste), Rio Paraná (Bacia do Paraná) e do Paraguai (Bacia do Paraguai). Os dois se unem para formar a Bacia do Rio da Prata, que banha o Paraguai, o Uruguai e a Argentina.

Nove em cada 10 brasileiros consomem eletricidade gerada por águas do Cerrado, sem as quais não existira a hidrelétrica de Itaipu.